

POTES MELEIROS DE *BRACARA AUGUSTA*

Manuela DELGADO

1. INTRODUÇÃO*

Como duma homenagem a Carlos Alberto Ferreira de Almeida se trata, permito-me uma curta divagação, à boa maneira antiga, sobre o impulso que me levou a escolher como tema este pequeno conjunto de potes encontrados em Braga, numa cova da «Zona das Carvalheiras» onde jaziam irreconhecíveis, pois que reduzidos a cerca de quatro centenas de fragmentos. Graças a um longo trabalho de reconstituição que lhes restituiu a forma¹, e por analogia com potes e talhas em uso ainda há alguns anos em certas regiões de Portugal e da Galiza, foi possível reconhecer a sua função específica que era a de guardar mel, independentemente de poderem ter sido utilizados para outros fins, como pode ter sido o caso do pote nº 2, com manchas de fuligem no fundo e bojo.

De facto, estes potes (Fig. 4, nº 1-4; Est. I e II), produzidos há quase dois mil anos por oleiros bracaraugustanos, poderiam figurar ao lado de talhas e potes das antigas olarias do Telhado, Distrito de Castelo Branco (Est. III-a) e de Felgar, Torre de Moncorvo (Est. III-b) ou ainda dos «pucheiros do mel» saídos dos «barraxeiros» de Samos (Est. IV-a) e das «cântaras do mel» da região de Portomourisco e Seixo (Est.

* Agradeço a Cláudia Milhazes, Directora do Museu de Olaria de Barcelos não só a autorização e facilidades que me concedeu para examinar e fotografar as peças que interessavam para o presente artigo, mas também a simpatia com que o fez. Gostaria de alargar o meu agradecimento aos funcionários, que com com idêntico espírito, me deram o seu apoio.

Agradeço ainda a Adriângela M. Llorente a disponibilidade amiga que pôs no envio da fotocópia do artigo de García Alén sobre «*La Alfarería de Galicia*» que tanto interesse tinha para este artigo.

¹ Est. I – 2a – Fragmentos a que estava reduzido o pote nº 2.

Nunca será demais salientar o trabalho consciencioso dos funcionários do Museu D. Diogo de Sousa, encarregados da limpeza, marcação, colagem e restauro dos materiais, graças ao qual foram «descobertos» estes potes meleiros e sem o qual seria mais pobre o património arqueológico de Braga e menos profícuo o respectivo trabalho de investigação.

Registos de campo e respectivos desenhos de Joaquim Filipe Antunes. Desenhos de materiais de António Fernando Barbosa. Fotografias de Manuel Santos e Maria Perpétua Ferreira.

IV-b), na Galiza. Mesmo o olhar mais distraído lhes reconheceria o parentesco. E esse parentesco advem-lhes da presença de uma «pestanda»² que os oleiros de hoje – como os de há dois mil anos atrás – acrescentaram ao bojo, com o fim de formar um canal em torno do colo para conter a água que impedisse as formigas de chegarem ao mel.

Reconheço que o «arqueologicamente correcto» seria apresentar aquelas peças integradas no contexto em que foram encontradas. E, contudo, não resisti à tentação de isolar este conjunto e apresentá-lo aqui em homenagem ao Carlos Alberto. Ele, que por simpatia pelos homens, não sabia olhar os objectos sem imaginar o gesto que os criara, sentiria certamente o mesmo encantamento que eu senti ao reconhecer nestes potes de mel de *Bracara Augusta* o gesto do oleiro de Felgar no acto de recrear uma forma milenária.

Dos vasos agora apresentados não poderei dar mais do que uma breve notícia, por constituírem, até ao momento, exemplares únicos em Braga e porque não encontrei qualquer referência expressa a este tipo de potes nos estudos dos grandes conjuntos de cerâmicas comuns romanas que tive a possibilidade de consultar³.

2. PROVENIÊNCIA

Como já referimos, estes potes foram encontrados na «Zona das Carvalheiras» numa cova aberta na alterite à qual foi atribuído, provisoriamente, o nº 31. Covas semelhantes foram detectadas em diversas zonas já escavadas da cidade romana e muito particularmente nesta zona, onde um grande número delas, incluindo a cova 31, se dispõem no interior duma área porticada sugerida pela presença de restos de muros e grandes blocos talhados e alinhados, incrustados na alterite. Esta área podia ter pertencido a uma *insula* situada a oeste da Rua 1. Tal hipótese não foi confirmada, mas também não foi desmentida, pelas prospecções realizadas anteriormente à construção do campo de jogos que hoje ocupa aquela zona: aqui a alterite eleva-se quase ao nível do solo actual e os raros vestígios que escaparam à destruição provocada pelas máquinas agrícolas e à erosão do tempo são demasiado limitados e incoerentes para permitirem qualquer interpretação. Note-se, todavia, a favor daquela hipótese, que a existência duma *insula* a oeste da Rua 1 seria coerente com a presença, a leste desta rua, da *insula* ali posta a descoberto e já amplamente escavada, limitada por quatro ruas que definem uma área construída de 35,48 m². Esta *insula* sofreu algumas grandes remodelações durante uma longa ocupação, compreendida entre o séc. I e finais do séc. V d.C. (Fig. 1).

Dada a irregularidade da configuração, tamanho e localização das covas até agora postas a descoberto na «Zona das Carvalheiras» e pelo material nelas encontrado, pode admitir-se que a maioria foi aberta para extrair o areão necessário à preparação da argamassa utilizada na construção dos muros de época flávia e dos inícios do séc. II d.C.

O estudo detalhado destas covas permitirá certamente determinar, com alguma aproximação, a quantidade de alterite retirada e talvez o processo do seu posterior entulhamento. De momento, podemos apenas dizer que continham diferentes quantidades de materiais com predomínio de fragmentos de louças e de ânforas, mas também, por vezes, apenas pedra miúda ou simplesmente terra.

Dentre elas deve destacar-se a cova nº 31. Embora admitindo que possa ter sido aberta com o mesmo objectivo de extrair areão, é muito provável que tenha sido reutilizada como vazadouro para onde foram lançadas peças de cerâmica fora de uso ou em mau estado de conservação. Esta hipótese é sugerida pelo facto de – ao contrário do que acontece na grande maioria das outras covas onde os fragmentos encontra-

² Termo usado no Catálogo da «Olaria de Felgar, Torre de Moncorvo» (Macedo, M. M. e Freitas, M. G., 1988).

³ Ver títulos da bibliografia destacados por um asterisco.

dos, mesmo quando numerosos, não permitiram reconstituir qualquer vaso – a cova 31 ter fornecido os potes de mel aqui presentes, juntamente com mais 59 vasos de cerâmica comum que foram reconstituídos e estão em vias de ser restaurados.

3. FORMA

Os potes de mel, apresentados na Fig. 4, nº 1-4 e nas Est. 1 e 2, têm de comum – além da pestana soerguida que lhe define o tipo e a função – o corpo ovóide e o fundo raso, apresentando frequentemente duas asas, mesmo em vasos de menores dimensões.

Apreciando globalmente este conjunto, não pode deixar de assinalar-se a variedade encontrada nos outros elementos constitutivos da forma. Esta admite variantes sem colo (nº 4), com colo curto e bordo simples (nº 1), com colo baixo, ligeiramente facetado e bordo em forma de aba estreita levemente inclinada para o interior (nº 3). As asas redondas e pequenas podem ser aplicadas no início do terço inferior da pança ou imediatamente abaixo da pestana. O pote nº 2 distingue-se pela sua forma extraordinariamente elaborada, para o que contribui a base mais estreita, o colo alto, as asas de fita, desenvolvendo-se numa curva altaneira a partir da pestana e sobretudo a curvatura desta que se prolonga em forma de voluta até à estreita plataforma que limita a parte superior do colo vertical. O vaso nº 4, que não pode ser reconstituído, tem dimensões muito maiores que os outros e aproximadas às das actuais talhas de Felgar (Est. III-b) e às «cântaras do mel» do Porto Mourisco e Seixo (Est. IV-b) que podem conter entre 15 a 20 litros.

Segundo pode ler-se no excelente texto introdutório ao catálogo da «*Olaria de Felgar*», as talhas desta olaria possuem cordões de pasta, aplicados sobre o bojo, alguns dos quais são decorados com dedadas; quando muito próximos, não são decorados, tendo então arestas lisas e vivas que formam entre si caneluras muito pronunciadas como na talha de Felgar aqui apresentada (Est. III-b). Estes cordões ou «cintas», como são designadas na região de Moncorvo, dão maior consistência ao bojo, funcionando ao mesmo tempo como elemento decorativo⁴. Fossem para conter mel ou azeite⁵ estas talhas possuem normalmente um «embigo», apêndice semi-circular colocado na parte inferior do bojo, por onde passam as cordas que unem e seguram as talhas quando transportadas sobre os jumentos para os lugares de venda, e como elemento de preensão no uso caseiro.

Pelas dimensões do fragmento nº 4 que até nós chegou, não pode saber-se se o vaso correspondente possuía idênticos «embigos» e «cintas». Em compensação, as fracturas das pestanas que este fragmento e a talha de Felgar apresentam, mostram com evidência que em ambos os casos as pestanas eram feitas à mão e posteriormente aplicadas sobre o bojo por pressão dos dedos.

4. FABRICO

A qualidade e harmonia das formas romanas não tem equivalente nos fabricos, embora se reconheça uma qualidade superior na pasta da peça nº 2 que possui também uma forma mais elaborada. As pastas contêm uma argila de natureza micácea. O desengordurante, muito abundante mas bem calibrado, é constituído por grãos de quartzo, feldespato, mica e cerâmica moída. O quartzo é o elemento mais abundante, seguindo-se-lhe a mica e a cerâmica moída. A cor das pastas varia entre o castanho-amarelado (N-69) e o castanho-avermelhado (P-49/R-50). Todas as peças foram engobadas. O engobe vermelho não vitrificável pode ser espesso ou fino mas sempre polido, variando a cor entre o vermelho-amarelado (N-45/P-59) e o vermelho-acasta-

⁴ Como se vê na Est. IV-b as «Cântaras» de Porto-Mourisco e Seixo possuem idênticos cordões.

⁵ A água contida no canal formado pela pestana impedia, neste caso, que «as formigas azeiteiras» chegassem ao azeite.

nhado (R-49/50). Estas pastas são idênticas às de outras louças de fabricos comuns, presentes em estratos alto-imperiais; os engobes vermelhos não vitrificáveis que cobrem as superfícies externas dos potes nº **1** e **3** têm paralelo em pratos que imitam a forma Oberaden 21 da produção *pompejanisch-roten Platten* e em tijelas que imitam com perfeição a forma Drag. 27.

5. CONTEXTO CRONOLÓGICO

A cova 31 foi aberta directamente na alterite não tendo cortado qualquer camada arqueológica (Fig. 2). Quando posta a descoberto não estava selada e parte dela prolongava-se para Oeste sob o pavimento do campo de jogos já mencionado. As camadas que se lhe sobrepuseram haviam sofrido grandes revolvimentos como evidencia o corte estratigráfico representado na fig. 3. Sob a camada 01, totalmente descaracterizada por corresponder a uma terraplanagem para assentamento do solo do campo de jogos, sucedia-se a camada 02, totalmente remexida, onde, entre fragmentos de cerâmicas comuns diversas foram encontrados, lado a lado, pequenos fragmentos de engobe branco com pastas características do século I mas também com pasta terrosa e engobe muito degradado, frequente em estratos tardios da vila romana da Póvoa de Lanhoso; 1 fragmento de cânula espiralada em vidro verde-gelo do séc. I d.C., mas também 2 fragmentos de vidro verde azeitona e fragmentos duma taça, característicos do séc. IV d.C.; esta camada forneceu ainda uma moeda de imitação de Cláudio I que podia ter circulado até finais da dinastia flávia ou mesmo inícios do séc. II (texto em anexo de Luís Coutinho Amaral). A camada 03, que corresponde ao enchimento da cova e só em parte foi perturbada pelos trabalhos de construção do campo de jogos, não forneceu material. Estas circunstâncias do achado impossibilitam estabelecer um *terminus ante quem* para o conteúdo da cova 31.

Uma apreciação global dos vasos encontrados juntamente com os potes meleiros no interior da cova 31, sob a camada 03, permite verificar que todos pertencem a produções de cerâmica comum, muitos deles com cronologias mal definidas: caso dos pratos e taças, das pequenas jarras e dos potes, de pastas grosseiras.

Dentre aqueles cujas cronologias se conhece seleccionaram-se seis, representados na fig. 5 nº **5-10**. O primeiro, prato nº **5**, imita uma forma de *sigillata*; os restantes, o copinho nº **6** e quatro jarras e bilhas, nº **7-10**, são exemplificativos das formas encontradas neste conjunto, pelo que me referirei a eles com algum detalhe.

O prato nº **5** imita a forma Drag. 36. Na produção gálica esta forma surge no tempo de Nero e atinge o apogeu na época flávia; na produção hispânica é uma das formas típicas da 2ª metade do séc. I/1ª metade do séc. II.

O copinho nº **6**, tal como os copinhos e potinhos de perfil em S, com pastas depuradas e superfícies cuidadosamente polidas, aparecem frequentemente em estratos da 2ª metade do séc. I d.C., associados à cerâmica dita bracarense, mas estão presentes também numa sepultura selada, situada no Largo de Carlos Amarante, datada dos finais do séc. II d.C. (Delgado, 1984).

Jarras semelhantes à nº **7**, de perfil em S, com a pasta muito clara e depurada e a superfície ornamentada com o mesmo tipo de pintura, aparecem em Braga associadas à mesma cerâmica bracarense e cerâmica cinzenta fina polida em estratos da 2ª metade do séc. I. Uma pequena jarra ornamentada com pintura idêntica foi datada em Tongóbriga da 2ª metade do séc. I/princípios do séc. II (Dias, 1997: 247, Grupo 5 C – Forma 1).

Não encontrei paralelos satisfatórios para a bilha nº **8**. Contudo, a qualidade do fabrico, aliada à forma cuidada, permitem atribuir-lhe uma cronologia entre os meados do séc. I e os meados do séc. II. Esta é, aliás, a cronologia atribuída a duas bilhas do tipo 1a, provenientes de necrópoles do Alentejo, cuja forma apresenta algumas semelhanças com esta (Nolen, 1985: 36-7; Est. II, nº 5 e 7).

Os bordos moldurados como o da bilha nº **9** são muito comuns em cerâmica

romana, podendo vir associados a colos altos ou baixos, asas partindo da moldura ou um pouco a baixo dela, bojós de curvaturas muito diversas. Bilhas do tipo 2a com o colo e bordos muito semelhantes a esta apareceram em sepulturas das necrópoles alentejanas da Orta das Pinas e do Padrãozinho, datadas da 2ª metade do séc. I e séc. II (1985: 231; Est. XII, Nº 61-63). Duas bilhas do mesmo tipo faziam parte do espólio do enterramento D 11, da necrópole de Sto André, datada dos fins do séc. I/inícios do séc. II (Viegas, Nolen, e Dias, 1981: 133; Est. XIX, D 11.3; D 11.4) e uma outra incluída no espólio do enterramento E 2, datado do princípio do séc. II (1981: 134; Est. XXXI, E 2.2).

Em *Conimbriga* um fragmento de bilha deste tipo foi encontrada na camada de demolição do *forum* de Augusto e aterros para a construção do *forum* Flávio (Alarcão, 1975: 80 e 145; PL., XXIII, nº 459).

Em Tongóbriga, todavia, a bilhas com este mesmo tipo de bordo mas de fabricos diversos foram atribuídas cronologias da 2ª metade do séc. III/inícios do séc. IV e 2ª metade do séc. IV/1ª metade do séc. V (Dias, 1997: 270; 274-7).

O jarro nº 10 caracteriza-se pelo bordo trilobado e colo alto. Os bordos trilobados, tais como os anteriores moldurados, podem aparecer associados a colos altos ou curtos e bojós com diversas curvaturas. Um jarro muito semelhante a este, produzido em cerâmica siltosa, foi encontrado em *Conimbriga* num contexto não datável. Sabe-se, todavia, que esta produção se inicia em época cláudia e prosseguiu durante todo o séc. II (Alarcão, 1975: 83 e 85; PL. XXV, nº 505). Dois outros exemplares de bordo trilobado mas colo muito mais curto, foram encontrados em estratos mais tardios: um deles provém de uma camada de repavimentação das ruas que teve lugar na 2ª metade do séc. IV (Alarcão, 1975: 145 e 181; PL. XXIII, nº 455); o outro encontrava-se numa camada correspondente à destruição do *forum* e das duas *insulae*, atribuída aos ataques suevos de 465 ou 468.

6. CONCLUSÃO

Como já se disse só o estudo detalhado do conjunto das covas escavadas na alentejana e da totalidade dos materiais nelas encontrados poderá, eventualmente, vir a estabelecer com maior segurança o processo de deposição desses materiais e respectivas cronologias. Tal não era o objectivo desta notícia, mas apenas a apresentação dos potes meleiros de *Bracara Augusta* encontrados na cova nº 31.

A apresentação destes potes antes daquele estudo estar terminado permite-me, de momento, apenas afirmar que – considerando o seu tipo de fabrico e a cronologia da maioria das peças que lhes vinham associadas – eles estavam em uso num período compreendido entre a segunda metade do séc. I e finais do séc. III d.C.

Espero, todavia, que esta apresentação precoce, que explica a modéstia das conclusões, facilite a descoberta de novos exemplares noutros sítios arqueológicos, em particular no Norte de Portugal e da Galiza, que permitam precisar a sua cronologia e área de difusão em época romana. Espero ainda – e não com menor interesse – que ela possa despertar a curiosidade para o estudo da evolução desta forma através dos tempos que permita explicar se os paralelos actuais correspondem à persistência de uma tradição ou à reinvenção de uma forma milenária.

CATÁLOGO*

- 1 – Pote. Pasta castanha-amarelada clara (N-69); engobe vermelho acastanhado (R-49) espesso e aderente, foi polido depois de aplicado. O engobe cobre apenas a superfície abaixo da aba. A zona acima da aba e o bordo foram apenas cuidadosamente alisadas. Grafito executado após a aplicação do engobe. Diâm: 174 mm; Alt: 170 mm. Fracturado em 83 fragmentos. Nº de inv: MDDS 2210-91. Fig. 3 – Est. I – nº 1.
- 2 – Pote. Pasta castanha avermelhada (P-49); engobe muito fino mais parecendo uma aguada vermelha amarelada (N-45) cobre toda a superfície da peça. Sinais de fuligem na pança abaixo das asas. Diâm: 197 mm; Alt: 211 mm. Fracturada em 109 fragmentos. Nº de inv: MDDS 2270-91. Fig. 3 – Est. I – nº 2 e 2a.
- 3 – Grande Pote. Pasta castanha avermelhada (R-50); engobe vermelho amarelado (P-59), muito fino cobre o bojo apenas até à altura da aba. A parte superior não foi engobada mas apenas polida. Diâm: 275 mm; Alt: 297 mm. Fracturado em 157 fragmentos. Nº de inv: MDDS 2000-91. Fig. 3 – Est. II – nº 3.
- 4 – Talha. Pasta castanha avermelhada (R-50); engobe da mesma cor, espesso, mate e muito aderente. Parece ter sido polido depois de aplicado. Cobre a superfície interna e externa. Diâm. da boca: 141 mm. Fracturado em 38 fragmentos. Nº de inv: MDDS 2203-91. Fig. 3 – Est. II – nº 4.
- 5 – Taça. Imita a forma Drag. 36. Pasta castanha avermelhada (R-50); engobe da mesma cor mate e muito aderente. Diâm: 232 mm; Alt: 78 mm. Muito fracturada, em vias de restauro. Nº de inv: MDDS 1793-91. Fig. 4.
- 6 – Potinho. Perfil em S. Pasta creme-rosada (L-11) muito depurada. Superfície polida ao torno com seixo. Diâmetro máximo: 70. 7 mm; Alt: 120 mm. Fracturado, em vias de restauro. Nº de inv: MDDS 1764-91. FIG. 4.
- 7 – Jarra. Perfil em S. Pasta creme (M-71). Superfície coberta por um engobe muito pouco espesso, castanho amarelado claro (N-69) e pintura vermelha acastanhada (R-35). Diâm: 159 mm; Alt: 261 mm. Fracturada, em vias de restauro. Nº de inv: MDDS 1755-91. Fig. 4.
- 8 – Bilha. Colo alto com bordo esvasado e bojo. Pasta creme (M-71). Superfície não engobada mas muito polida apenas no bojo. Ombro e colo apenas alisados. Diâm: 128 mm; Alt: 184 mm. Fracturada, em vias de restauro. Nº de inv: MDDS 1763-91. Fig. 4.
- 9 – Bilha. Colo alto com bordo moldurado e bojo globular. Pasta rosada (M-13). Superfície revestida dum engobe muito fino castanho claro (N-67) e muito polida. Diâm: 166 mm; Alt: 198 mm. Muito fracturada, em vias de restauro. Nº de inv: MDDS 1786-91. Fig. 4.
- 10 – Bilha. Perfil em S com bordo trilobado. Pasta esbranquiçada (L-71). Superfície apenas alisada, apresenta algumas manchas de fuligem. Diâm: 152 mm; Alt: 233 mm. Muito fracturada, em vias de restauro. Nº de inv: MDDS 2208-91. Fig. 4.

* Todas as peças ilustradas nas Figs. 3 e 4 estão desenhadas na escala 1:4. Para a classificação das cores utilizam-se o «Code des Couleurs des sols» de A. Cailleux (Ed. Doubée)

CATÁLOGO DAS PEÇAS MODERNAS*

Pote

Função: Provisão de mel

Dimensões: Diâm: 305 mm; Alt: 355 mm

Proveniência: Olaria do Telhado, muito provavelmente Fundão (Distrito de Castelo Branco).

Depósito: Museu de Olaria da Câmara Municipal de Barcelos

Nº de inv: 92. 2. 127. Inédito.

Est. III-a

Talha

Função: Provisão de mel ou azeite

Dimensões: Diâm: 565 mm; Alt: 744 mm

Proveniência: Olaria de Felgar (Torre de Moncorvo)

Período de uso: Já fora de uso em Abril de 1986

Depósito: Museu de Olaria da Câmara Municipal de Barcelos

Nº de inv: 86. 29. 16. Nº do catálogo: 22.

Est. III-b

«*Pucheiro do mel*» o «*meleira*» con doble borde para evitar las hormigas»

Dimensões: Alt: 180 mm

Proveniência: «*Los barraxeiros de Samos*»

Est. IV-a

«*Cántara do mel*»

Dimensões: Diâm: 365 mm

Proveniência: «*Portomourismo y O Seixo (Entre O Xares y las montañas de O Bolo)*»

Est. IV-b

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

APICIUS, M. GAVIUS (14-37 d.C) (1997), *O Livro de cozinha de Apício. Um breviário do gosto imperial romano*, Introdução, Tradução e Comentários, por Inês de Ornellas e Castro, Colares Editora, Sintra.

ALARCÃO, J. (1975), «Cerâmica Comum Local e Regional de Conimbriga», *Fouilles de Conimbriga*, vol. V, E. De Boccard, Paris*.

(1991), *O Domínio Romano em Portugal*, Publicações Europa América, 2ª edição, Mem Martins.

BLANC, N. e NERCESSIAN, A. (1994), *La Cuisine Romaine Antique*, Éditions Glénat, Grenoble*.

DELGADO, M. (1984), «Sepultura romana encontrada junto ao Largo Carlos Amarante», *Lucerna*, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão, Porto, pp. 179-96.

Dias, L. A. T. (1993-4), «Necrópoles do *Territorium* de Tongobriga», *Conimbriga*, XXXII-XXXIII, pp. 107-36.

(1997), *Tongobriga*, Edição IPPAR, Lisboa*.

GARCIA ALÉN, L., *La Alfarería de Galicia. I. Un estudio a través del testimonio cultural de las vasijas y de los alfareros-campesinos*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, La Coruña.

(1994), *La Céramique du Haut-Empire en Gaule Belgique et dans le Régions Voisines: Faciès Régionaux et Courants Commerciaux*, dir. Marie Tuffreau-Libre e Alain Jacques, *Actes de la table ronde d'Arras (12 au 14 octobre 1993)*, Nord-Ouest Archéologie, n° 6, Publié par le Centre de Recherches Archéologiques et de Diffusion Culturelle, Berck-Sur-Mer*.

* As informações referentes a estas peças foram fornecidas pelo serviço de documentação do Museu de Olaria de Barcelos, retiradas do Catálogo da Olaria de Felgar e do artigo de García Alén «La Alfarería de Galicia».

- Les Céramiques Communes de Campanie et de Narbonnaise (I^{er} s. Av. J.-C. – II^e s. Ap. J.-C.) (1996), *La Vaisselle de Cuisine et de Table, Actes des Journées d'étude organisées par le Centre Jean Bérard et la Soprintendenza Archeologica per le Province di Napoli e Caserta*, dir. Michel Bats, Centre Jean Bérard, Naples*.
- MACEDO, M. M e FREITAS, M. G. (1988), *Olaria do Felgar, Torre de Moncorvo. Catálogo, Coleções do Museu 1*, Barcelos.
- MARTINS, M. e DELGADO, M. (1989-90), «As necrópoles de *Bracara Augusta*», *Cadernos de Arqueologia*, Série II, 6-7, Braga, pp. 41-186.
- MAYET, F. (1975), «Livre III. Les Sigillées Hispaniques», *Fouilles de Conimbriga*, vol. IV, E. De Boccard, Paris.
- NOLEN, J. U. S. (1985), *Cerâmica Comum de Necrópoles do Alto Alentejo*, Fundação da Casa de Bragança, Lisboa.
- (1994), *Cerâmicas e Vidros de Torre de Ares, Balsa*, Instituto Português de Museus, Museu Nacional de Arqueologia*.
- PERICHON, R. (1977), «Ceramiques Domestiques Gauloises et Gallo Romaines du Nord Est du Massif Central. Essai de typologie», *Centre d'Etudes Foreziennes Archeologie*, n^o 6, Saint-Etienne*.
- PEIXOTO, ROCHA (1966), «As olarias do Prado», *Cadernos de Etnografia*, 7, Museu Regional de Barcelos, 2^a ed., Barcelos.
- SOEIRO, T. (1984), «Monte Mòzinho. Apontamentos sobre a Ocupação Entre Sousa e Tâmega em Época Romana», *Penafiel. Boletim Municipal de Cultura*, 3^a Série, n^o 1, Penafiel*.
- VIEGAS, J. A., NOLEN, J. U. S. e DIAS, M. L. F. (1981), «A Necrópole de Santo André», *Conimbriga*, vol. XX, Faculdade de Letras, Instituto de Arqueologia, Coimbra, pp. 5-180.
- XAVIER AQUILUÉ e MERCE ROCA (coord.) (1995), «Ceràmica comuna romana d'època Alto-Imperial a la Península Ibèrica. Estat de la qüestió», *Monografies Emporitanes VIII*, Museu d'Arqueologia de Catalunya, Empúries*.

ANEXO

Luís Coutinho AMARAL

AS DE IMITAÇÃO DE CLÁUDIO I

Trata-se de uma imitação de um as de Cláudio I (41-54 d.C.). No anverso cabeça, à esquerda, descoberta, estando em falta a legenda¹. No reverso Minerva de pé para a direita a brandir dardo com a mão direita enquanto segura escudo redondo no braço esquerdo, S I C (R. I. C. I – 100 ou 116, ed. revista).

O seu eixo é do tipo 1 h., tem de diâmetro 26/23 mm, de peso 6, 649 g.

Este as é um exemplar das moedas de imitação com a efígie de Cláudio I, que se aceita comumente terem sido cunhadas após 41 d.C. em oficinas locais da Península Ibérica² para compensar a penúria de numerário³ devida em parte ao fecho por Caius (37-41 d.C.) dos ateliers municipais hispânicos⁴.

Nesta amoedação paralela o diâmetro do flan é inferior ao do cunho, e tanto as letras, como os motivos do reverso não atingem a perfeição do modelo copiado, características que se observam no presente exemplar; uma outra característica que também permite identificar esta amoedação paralela é a imperícia que afecta a calibragem das palavras da titulação. Este pormenor não pode ser comprovado pelo facto dessa titulação estar, como atrás referi, em falta; no entanto não se pode considerar que estas moedas sejam de má qualidade e quase nunca apresentam a rudeza dos seus equivalentes gauleses e bretões⁵.

Ao que parece deve atribuir-se a esta amoedação um carácter semi-oficial, uma função de necessidade⁶, e uma circulação geograficamente limitada⁷.

Segundo C. H. V. Sutherland a amoedação de imitação com a efígie de Cláudio I durou um século e em certas zonas recônditas terá chegado até ao séc. III⁸.

Segundo J. B. Giard no caso das imitações galo-romanas durou, esta amoedação, uma década⁹.

Em *Conimbriga* os achados deste tipo de moedas em horizontes estratigráficos relativamente bem datados deram-se exclusivamente em horizontes estratigráficos claudianos, flavianos e da época de Trajano¹⁰.

Por conseguinte será lícito crer que a circulação das moedas de imitação se deu por junto até ao fim da época flaviana e mesmo até ao princípio do séc. II¹¹.

Esta moeda apresenta-se bastante desgastada em consequência da sua circulação.

¹ TI CLAVDIVS CAESAR AVG PM TRP IMP ou TI CLAVDIVS CAESAR AVG PM TRP IMP PP.

² H. MATTINGLY, B. M. C., I, p. CL; C. H. V. SUTHERLAND, *The Romans in Spain*, 217 B. C. – A. D. 117, Londres, 1939, p. 175.

³ I. PEREIRA, J.-P. BOST e J. HIERNARD, *Fouilles de Conimbriga*, vol. III, Paris, Diffusion E. de Boccard, 1974, p. 218.

⁴ *Supra*, p. 219.

⁵ *Supra*, p. 218.

⁶ *Supra*, p. 218.

⁷ *Supra*, p. 219.

⁸ C. H. V. SUTHERLAND, *Romano-British imitations*, p. 9 e pp. 26-27.

⁹ J. B. GIARD, *Pouvoir central et libertés locales, le monnayage en bronze de Claude avant 50 après Jésus Christ*, R N, 6^e série, XII, 1970, p. 35.

¹⁰ I. PEREIRA, J.-P. BOST e J. HIERNARD, *Fouilles de Conimbriga*, vol. III, Paris, Diffusion E. de Boccard, 1974, p. 219.

¹¹ C. M. KRAAY, *The behaviour of early imperial countermarks*, *Essays in Roman Coinage presented to Harold Mattingly*, Oxford, 1956, p. 131.

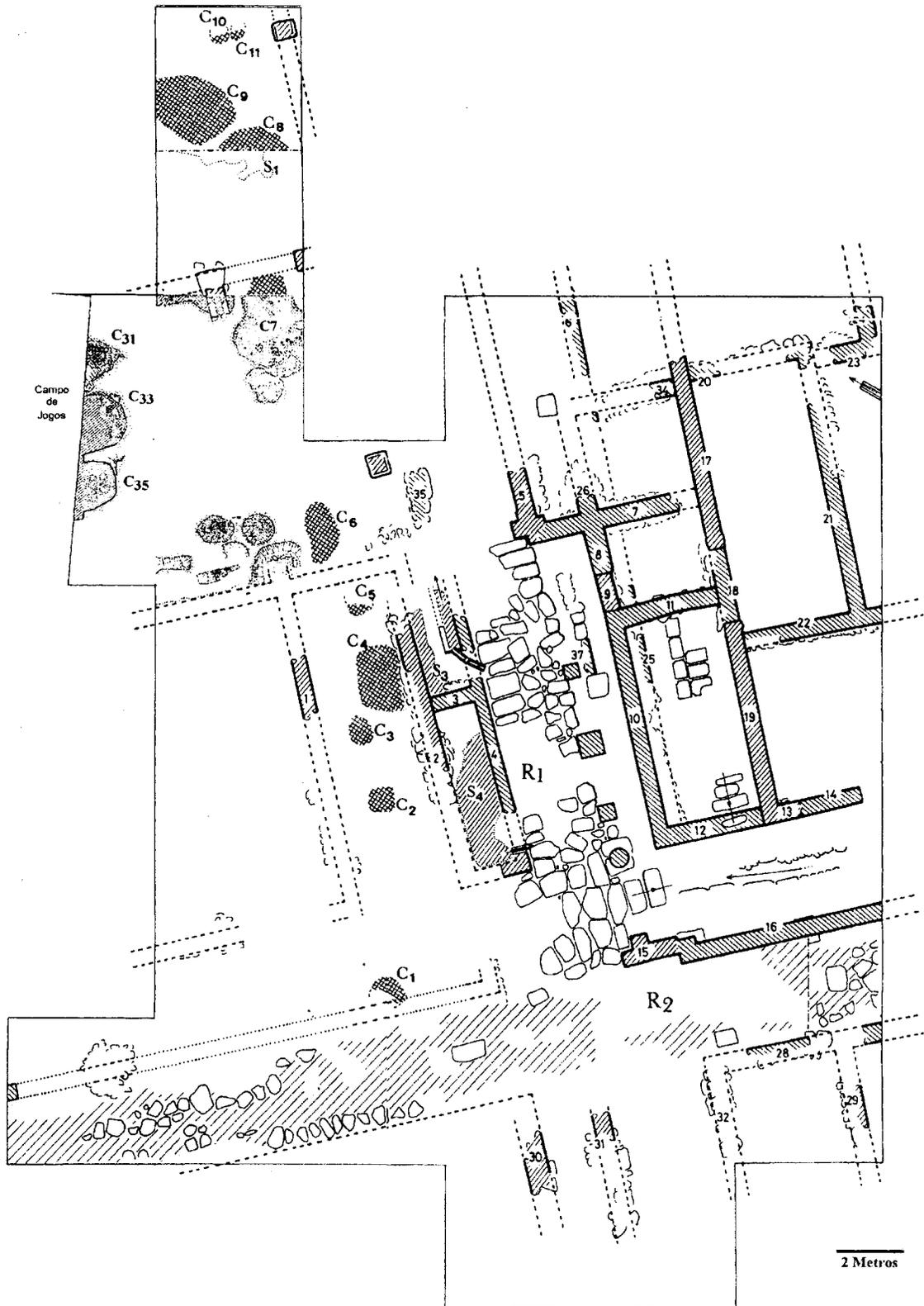


Fig. 1 – Planta das Carvalheiras

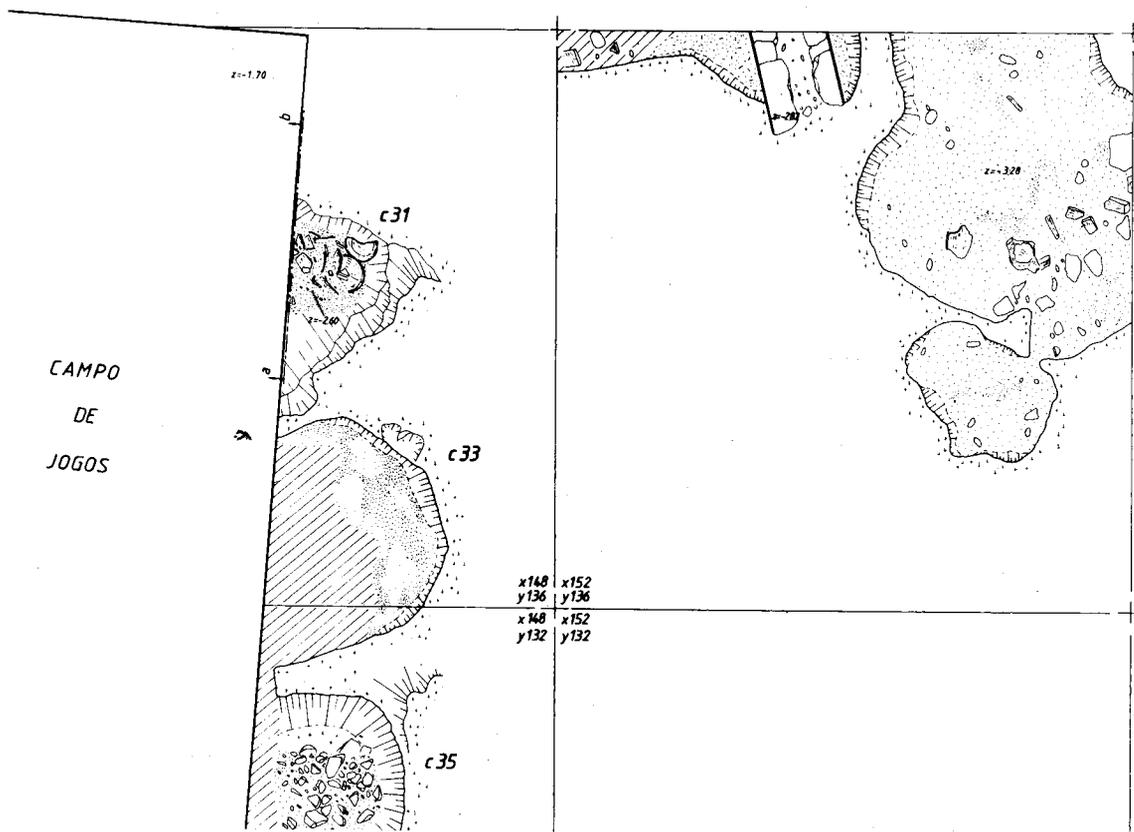


Fig. 2 - Localização das Coroas

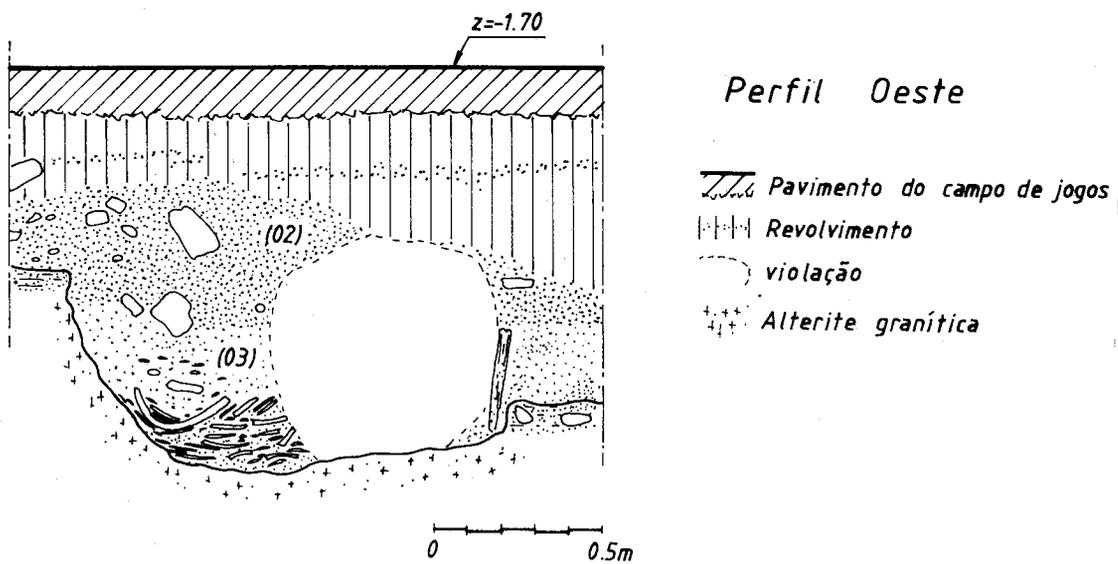


Fig. 3 - Corte estratigráfico

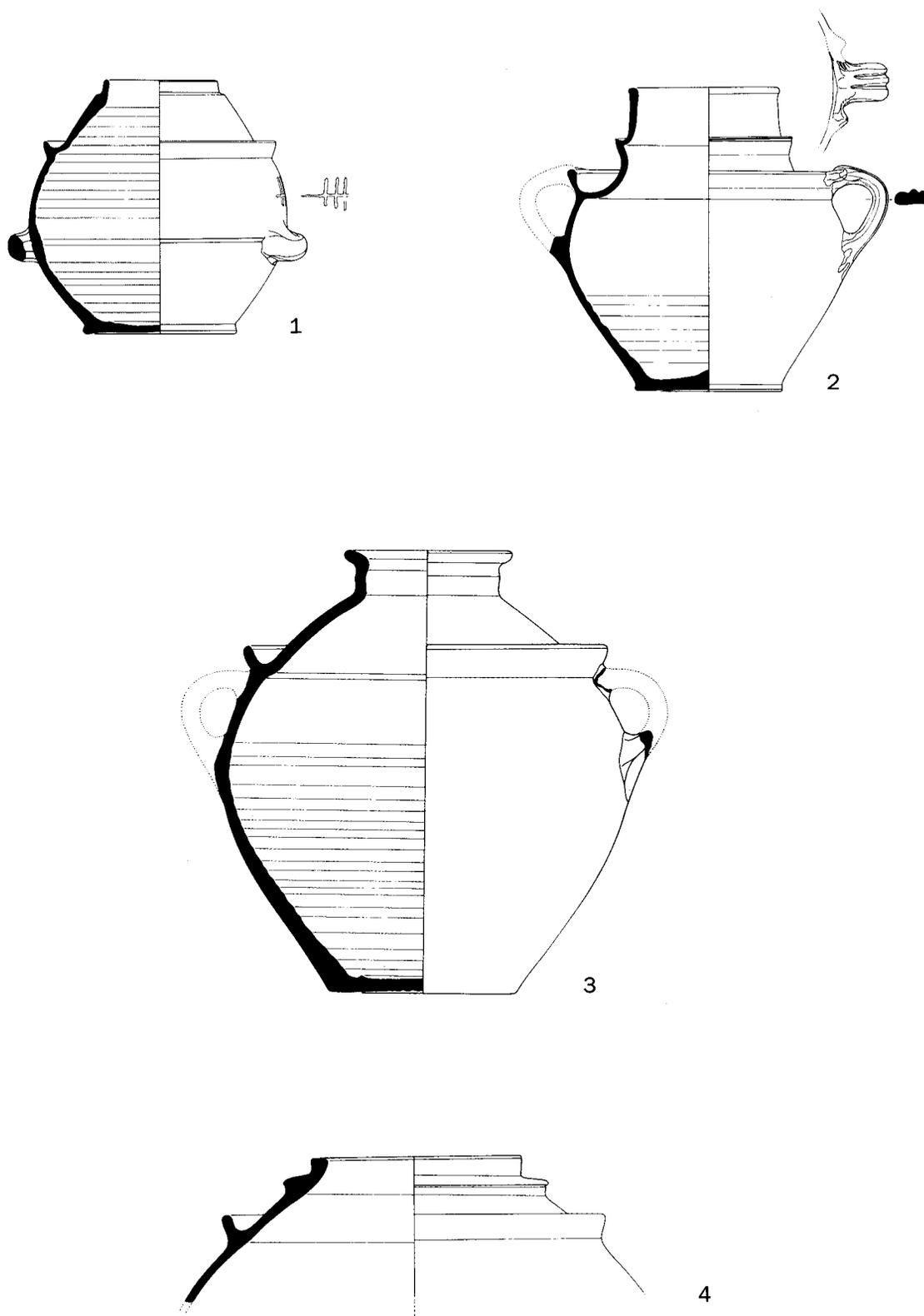


Fig. 4 – Desenho dos potes Meleiros (n^{os} 1, 2, 3 e 4)

POTES MELEIROS DE *BRACARA AUGUSTA*

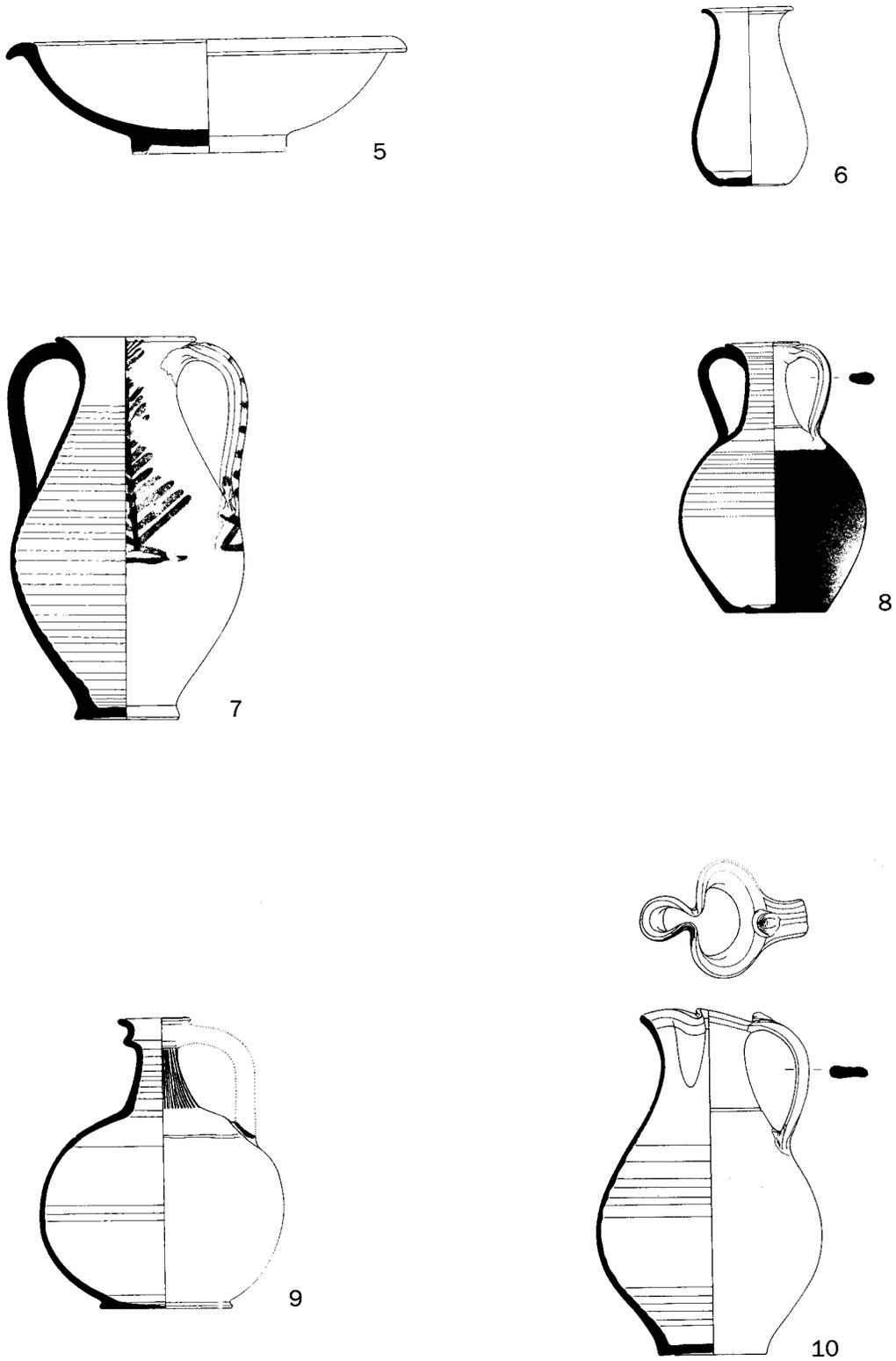
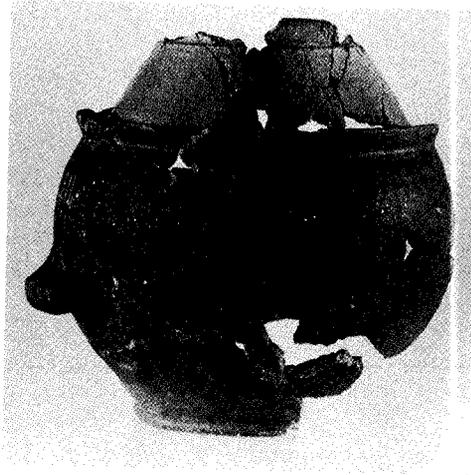
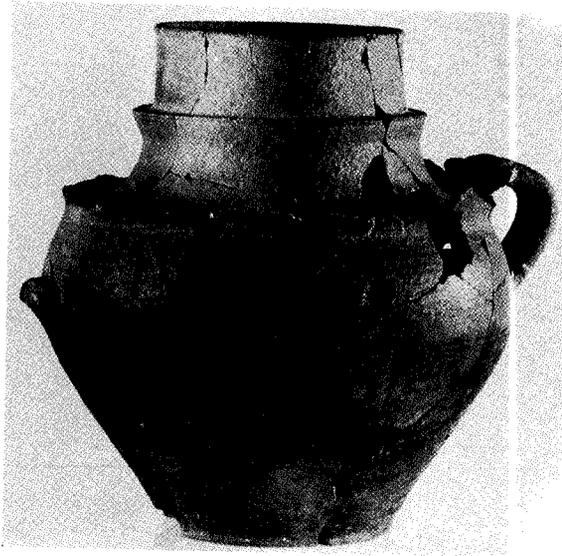


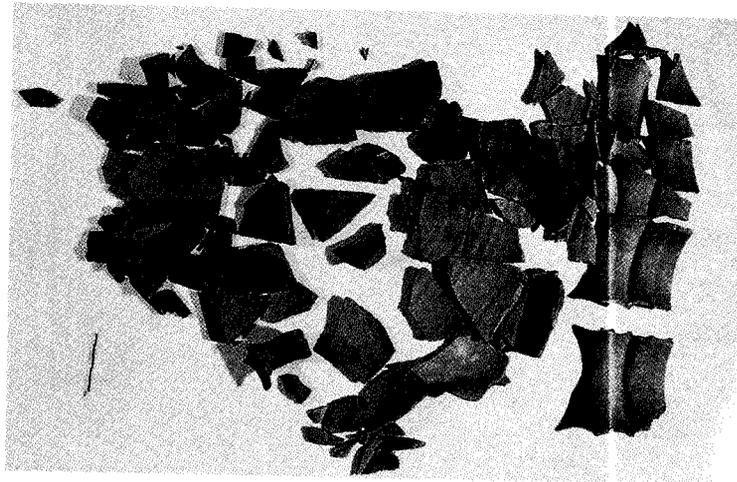
Fig. 5 – Desenhos doutras peças (n^{os} 5, 6, 7, 8, 9 e 10)



1

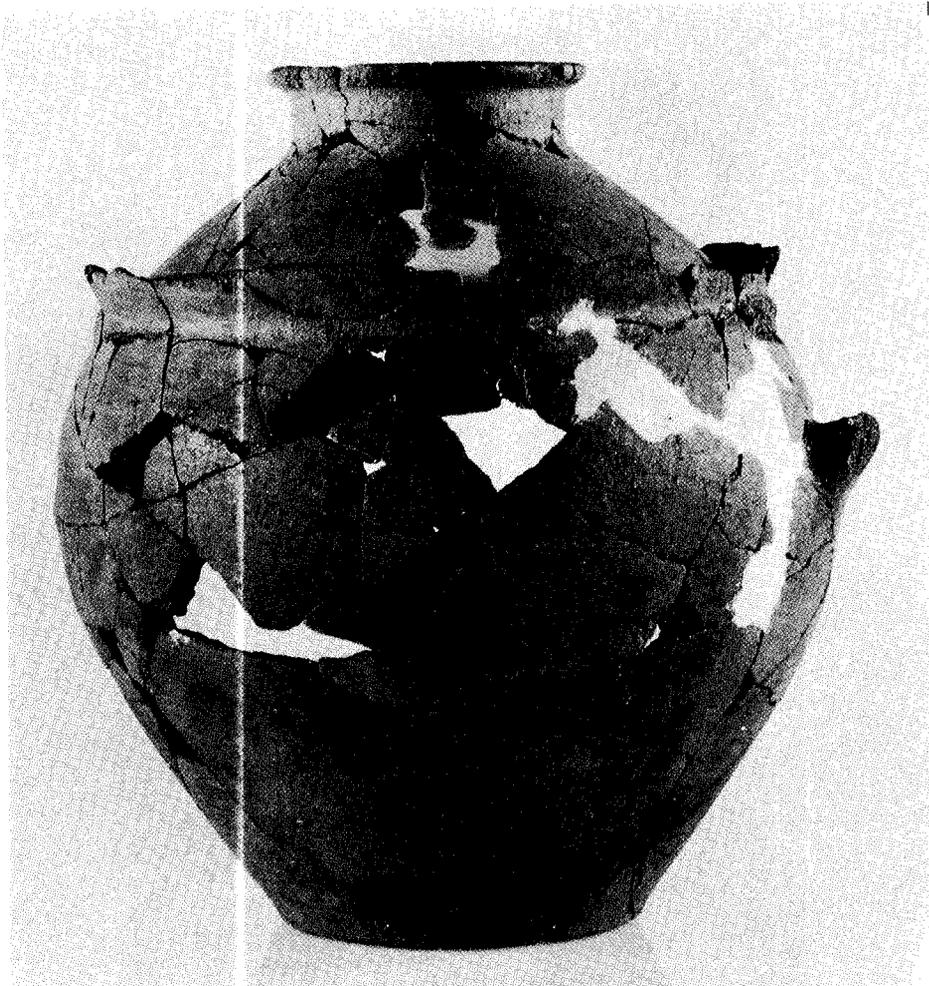


2

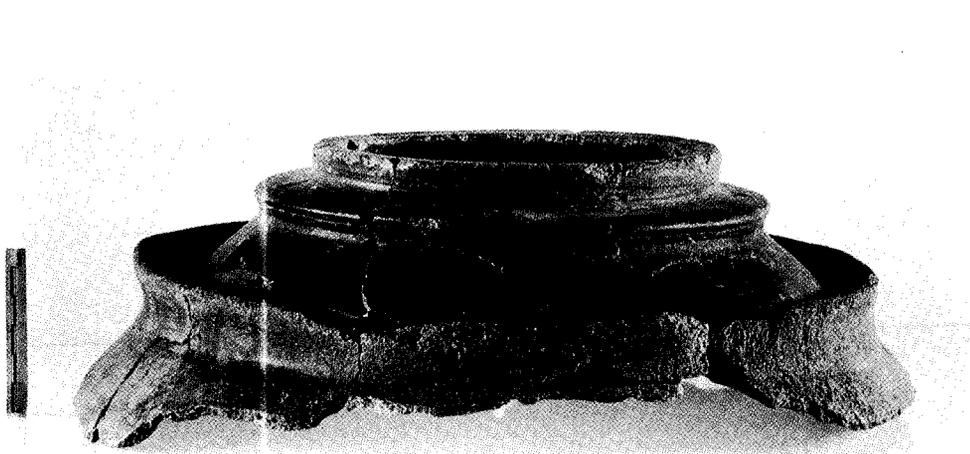


2 a

Est. II



3



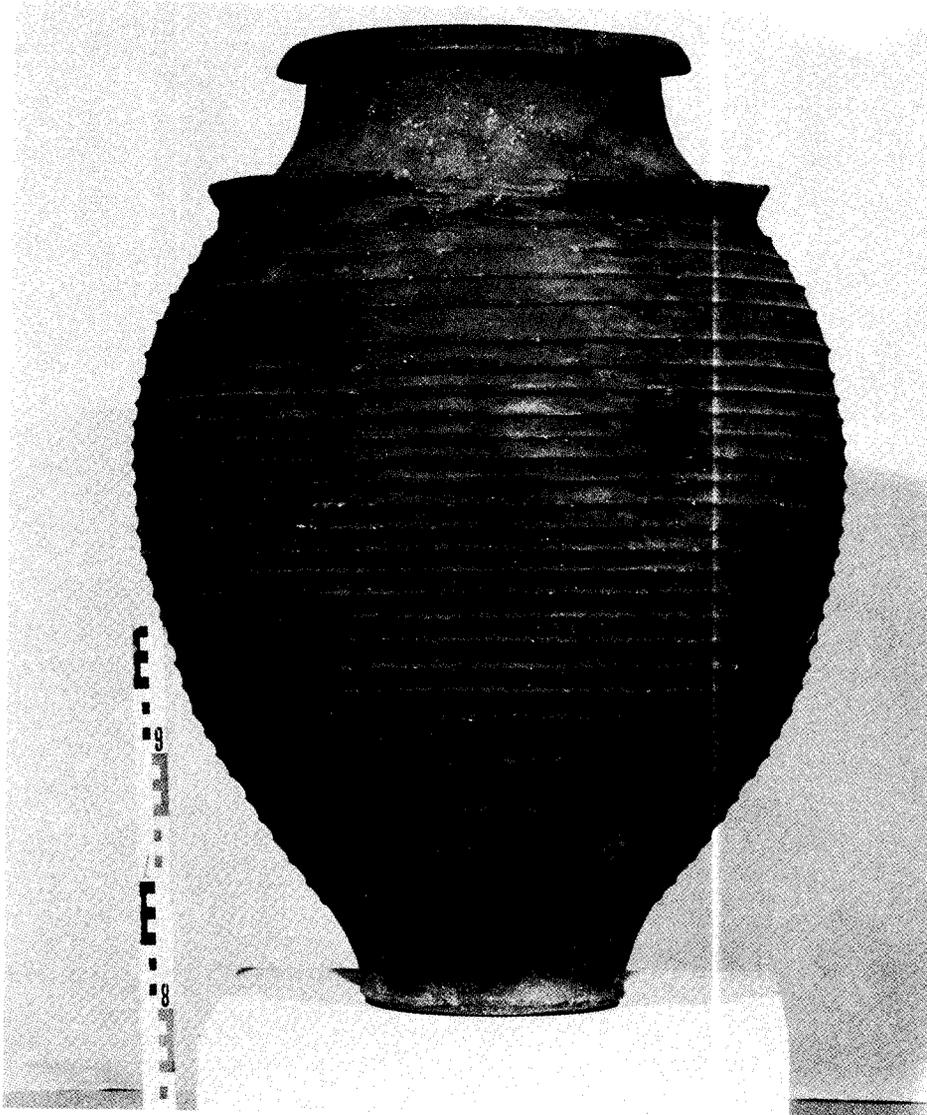
4

PORTUGALIA

Est. III



a



b

Est. IV



a



b

